

UUUUUUHHHH

Eliane Maria de Oliveira Giacon¹

¹ É doutoranda em Literatura pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/Assis e professora titular da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS.

A palavra medo, segundo o *Dicionário Aurélio* significa: 1. *sentimento de viva inquietação ante a noção de perigo real ou imaginário, de ameaça; pavor, temor.* 2. *V. receio.* Tomemos o seu significado mais profundo: o pavor para contarmos o que ocorreu com Paulo Palito.

Há muito tempo, ele procurava um emprego até que um dia apareceu a grande chance. Ele seria auxiliar de legista. Não era bem o que ele sonhou para uma boa profissão, mas emprego é emprego e, naqueles tempos difíceis, nos idos de 1998, emprestando uma expressão machadiana, não era momento de enjeitar tal proposta.

O serviço ia bem: um morto aqui, outro ali. Um dia um atropelamento, no outro, um enfarto ou um estrangulamento, mas nada que se compare às metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro. Ali, em Tiritomba, dava até para o legista cuidar de sua pequena fazenda e para o PePê, o nosso Paulo Palito, beber uns goles antes e depois do serviço, e às vezes até durante o serviço.

O I.M.L. local ficava em frente de um boteco, o da Nequinha, lugar bom e bem freqüentado pelos amantes da cerveja e da cachaça. E foi justamente ali, sentado à beira do balcão, que Pepê atendeu o celular:

— Pronto.

— Paulo, aqui é o doutor Zé Pinheiro.

— Sim, doutor.

— Vai chegar no I.M.L. um corpo, vítima de afogamento. Você ajeita tudo, que eu chego já, já.

— Tudo certo.

Não passou muito tempo e chegaram os parentes do morto e a polícia. Pepê pede para eles colocarem o morto na maca e o deixa lá na sala de autópsia.

“Como todos foram embora e o doutor quando fala *já já* é porque ainda está lá no meio da fazenda, então é melhô eu ir tomar mais uma branquinha.” E pensando assim,

lá foi ele saborear a marvada. Tomou uma, duas, olhou, no relógio, mais de três vezes e resolveu ir visitar o morto, embora soubesse que de lá a criatura não sairia mais.

Entrou, olhou o corpo e percebeu que um dos braços não estava sobre o peito, mas caído da maca. Chegou perto, arrumou o braço e foi até a mesa de instrumentos para verificar se tudo estava certo. Nisso o braço do morto cai novamente. Ele chega bem perto e diz:

— Mas você é teimoso mesmo, heim!

E com bastante força, ele coloca o braço do morto sobre o peito. Nisto sai um som da boca do morto.

— Uuuuuuuuhhhh!

Paulo Palito dispara porta à fora gritando:

— O morto tá vivo, o morto tá vivo!

O doutor José Pinheiro chega e encontra o Pepê gritando como um doido. E o sacode até que ele pare de gritar. Diga pra mim homem, o que aconteceu?

— O morto falou e fez UUUUUUHHHHHH.

— Mas Paulo, morto não fala e vem comigo.

— Vamos, conta o que acontece.

Paulo conta a respeito do braço do morto e o doutor ri.

— O senhor ri, porque não foi com o senhor que isso ocorreu.

— O que ocorreu foi que havia ar na barriga do morto e quando você pressionou a mão dele contra o ventre, houve liberação de ar. Este ar passou pelas cordas vocais e produziu um som gutural.

— O senhor pode falar o que quiser, mas que morto fala, fala! E de hoje em diante, eu vou procurar outro emprego.

Daquele dia em diante, ele voltou a vender palitos de sorvete.

